

A PRESENÇA MASCULINA NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Judite Dalila Aguiar Silva ¹

Autaci Ribeiro da Ponte Neta²

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)

juditedalilaasilva@gmail.com

²Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)

autaciribeiroponete@gmail.com

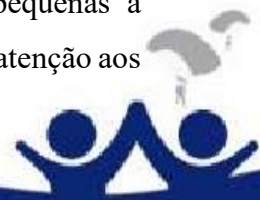
Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença masculina na formação em Pedagogia, investigando os desafios, perspectivas e contribuições desses profissionais para a educação. Para tanto, utiliza-se uma abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica, que envolve a análise de artigos científicos, livros e produções acadêmicas sobre gênero e educação. Os resultados indicam que a Pedagogia apresenta historicamente predominância feminina, especialmente nos cursos voltados à Educação Infantil, em função de construções sociais que associam cuidado e ensino de crianças a características consideradas tipicamente femininas. Homens que ingressam nessa carreira enfrentam preconceitos explícitos e implícitos, questionamentos sobre competência e barreiras institucionais que refletem expectativas de gênero historicamente construídas. Observa-se que a atuação do pedagogo vai além da sala de aula, abrangendo gestão escolar, elaboração de políticas públicas, educação inclusiva, orientação educacional, ensino de adultos, coordenação de projetos sociais e pesquisa em educação. Além disso, a diversidade de gênero entre docentes fortalece a prática pedagógica, estimula a cooperação, o diálogo e a valorização das competências individuais, contribuindo para a construção de práticas educativas críticas, reflexivas e alinhadas à realidade social contemporânea. O estudo evidencia que políticas e estratégias de incentivo à participação masculina favorecem a equidade, a inclusão e a transformação da educação.

Palavras-chave: Pedagogia. Gênero, Educação Infantil. Diversidade. Formação docente.

1 Introdução

A formação de pedagogos têm sido historicamente marcada pela predominância feminina, especialmente nos cursos voltados à Educação Infantil e nos anos iniciais. Essa predominância não é fruto de fatores biológicos, mas sim de construções sociais e culturais que associam o cuidado, a mediação do aprendizado e o trabalho com crianças pequenas a características consideradas tipicamente femininas, como sensibilidade, paciência e atenção aos



detalhes. Tais construções influenciam não apenas a escolha profissional de homens e mulheres, mas também moldam expectativas sobre o desempenho, a competência e a atuação de docentes dentro do espaço escolar. Compreender a presença masculina na Pedagogia exige, portanto, uma análise crítica das normas de gênero historicamente instituídas e das consequências dessas normas na formação e inserção profissional dos homens na educação.

O interesse em investigar a participação masculina nos cursos de Pedagogia surge da necessidade de refletir sobre a diversidade de gênero no ambiente acadêmico e nas práticas educativas. A escassa representação masculina levanta questões sobre como o gênero influencia a trajetória acadêmica, a construção da identidade docente e as relações estabelecidas com alunos, colegas e supervisores. Embora os homens representem uma minoria nesse contexto, sua presença oferece oportunidades de desafiar estereótipos consolidados sobre a docência. Dessa forma, analisar a atuação masculina na Pedagogia permite compreender não apenas os desafios enfrentados, mas também as contribuições que esses profissionais podem trazer para o fortalecimento de uma educação inclusiva e equilibrada.

A abordagem teórica adotada neste artigo tem como objetivo apresentar uma análise ampla sobre a presença masculina na Pedagogia, fundamentando-se na revisão de literatura e na reflexão crítica sobre gênero, educação e práticas docentes. A pesquisa desenvolve uma perspectiva que considera fatores históricos, culturais e sociais, buscando compreender como as construções de gênero moldam a escolha profissional, a permanência no curso e a atuação pedagógica. A metodologia utilizada consiste na análise de estudos, artigos acadêmicos e pesquisas sobre gênero e educação, permitindo organizar o conhecimento existente de forma estruturada e discutir implicações teóricas para a formação docente.

Além disso, este estudo visa identificar os desafios contemporâneos enfrentados pelos homens na formação em Pedagogia, incluindo estereótipos sociais, barreiras institucionais e dificuldades de inserção em turmas majoritariamente femininas. Ao mesmo tempo, busca-se analisar o impacto da presença masculina na prática pedagógica, considerando como a diversidade de gênero pode contribuir para a construção de experiências educativas mais equilibradas e enriquecedoras para crianças, professores e instituições de ensino. Essa análise permite refletir sobre a importância de políticas e estratégias que incentivem a participação masculina na formação pedagógica e promovam ambientes educacionais mais inclusivos.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica e de caráter exploratório. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de artigos científicos, livros e produções acadêmicas relacionadas às temáticas de gênero e educação, com ênfase na presença masculina



na formação em Pedagogia. Segundo Pizzani et al. (2012), a pesquisa bibliográfica consiste na revisão das principais teorias que fundamentam o trabalho científico, sendo realizada por meio do levantamento de materiais já publicados, como livros, periódicos, artigos de jornais e fontes disponíveis na internet. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica possibilita a construção de uma análise teórica consistente, baseada em produções já consolidadas. Assim, esse procedimento contribui para a compreensão crítica das temáticas investigadas, especialmente no que se refere às discussões sobre gênero e educação.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender fenômenos sociais complexos, como as construções de gênero e suas implicações na formação docente, considerando aspectos históricos, culturais e sociais que influenciam a escolha profissional e a atuação pedagógica. Os dados foram obtidos por meio da leitura, seleção e análise de materiais teóricos relevantes, permitindo a organização das informações e a construção de uma reflexão crítica acerca dos desafios, perspectivas e contribuições da presença masculina na educação.

Os objetivos do artigo incluem: compreender os fatores históricos e sociais que moldaram a feminilização da Pedagogia; analisar os desafios enfrentados pelos homens que escolhem essa carreira; e refletir sobre as contribuições que a presença masculina pode oferecer para a educação. Ao explorar esses aspectos, o estudo busca fornecer uma visão abrangente sobre as dinâmicas de gênero na formação pedagógica, destacando a relevância da diversidade de profissionais na construção de práticas educativas mais justas e inclusivas.

2 Desenvolvimento

2.1 Histórico da Pedagogia e a associação com o cuidado feminino

A Pedagogia, desde suas origens modernas, foi fortemente associada ao cuidado e à formação moral das crianças, aspectos tradicionalmente vinculados às mulheres. No século XIX, a educação básica e o magistério primário passaram a ser ocupados majoritariamente por mulheres, especialmente nas classes urbanas de nível médio, em função de construções sociais e culturais que delimitavam os papéis de gênero.

A sociedade da época atribuía à mulher a responsabilidade pelo cuidado, pela atenção às necessidades infantis e pelo desenvolvimento ético e social dos filhos, estendendo essas expectativas para a esfera profissional. Segundo Louro (1997), consolidou-se historicamente a ideia de que as mulheres possuíam, por natureza, uma aptidão para lidar com crianças, sendo consideradas educadoras “naturais”. Nesse contexto, o magistério passou a ser visto como uma



extensão da maternidade, uma vez que a função docente não romperia com o papel feminino tradicional, mas o ampliaria. Assim, a docência foi associada a valores como amor, cuidado, entrega e vocação, reforçando a noção de que as mulheres seriam naturalmente destinadas a essa profissão.

Dessa forma, percebe-se que tal construção social contribuiu para a naturalização da presença feminina no campo educacional, ao mesmo tempo em que restringiu a participação masculina, ao reforçar estereótipos de gênero que vinculam o cuidado exclusivamente às mulheres. Essa lógica não apenas limita a diversidade na docência, mas também perpetua desigualdades estruturais que ainda se refletem na organização da educação contemporânea.

Esse contexto histórico consolidou a percepção de que a educação infantil e o ensino fundamental inicial eram “espaços femininos”, enquanto homens eram direcionados a ocupações consideradas de maior prestígio ou mais alinhadas a funções de liderança e domínio público. Segundo Louro (2011), a sociedade utiliza marcadores simbólicos, materiais e sociais para diferenciar os sujeitos, estabelecendo expectativas sobre comportamentos, profissões, atividades, direitos e espaços de acordo com gênero ou orientação sexual. Esses marcadores, muitas vezes, tornam naturalizada a diferença, fazendo com que ela pareça inerente aos corpos, enquanto direitos, privilégios e acessos podem ser distribuídos de forma desigual entre os indivíduos.

Essa situação evidencia como a diferenciação social entre os indivíduos é construída e mantida por múltiplos mecanismos que vão além do que é meramente simbólico. Ao naturalizar certas diferenças de gênero ou orientação sexual, a sociedade cria barreiras invisíveis que delimitam o que é “aceitável” ou “esperado” de cada pessoa, restringindo direitos, oportunidades e acessos a recursos. Esse processo reforça estereótipos e perpetua desigualdades, mostrando que a percepção de diferenças “naturais” é, na verdade, resultado de construções sociais e culturais profundas.

A predominância feminina na Pedagogia não se deu apenas por escolha ou interesse, mas refletiu normas sociais e expectativas que limitavam a inserção masculina nesses espaços. Segundo Maryahn Koehler Silva et al. (2013), as mulheres desempenhavam múltiplas funções no contexto doméstico, sendo responsáveis pela organização da casa, pelo cuidado dos filhos, incluindo aspectos como educação, vestimenta, higiene e acompanhamento escolar, além de cuidar de si mesmas, mantendo-se saudáveis e com boa aparência para atender às expectativas conjugais. Nesse cenário, muitas jovens que frequentavam o curso normal provinham de famílias em que suas mães já exerciam esse mesmo papel. Assim, a formação para o magistério era uma das poucas alternativas socialmente aceitas para as mulheres, pois,



embora possibilitasse o acesso à educação, ainda reforçava os papéis tradicionais femininos, sustentados por um discurso legitimado por uma literatura de caráter científico.

Com o tempo, essa configuração reforçou um estereótipo histórico: homens eram minorias nos cursos de Pedagogia e, muitas vezes, considerados deslocados ou questionados por sua escolha profissional. A associação entre o cuidado e a feminilidade tornou-se tão enraizada que, até hoje, homens enfrentam desafios culturais e institucionais ao optarem pela carreira pedagógica. No entanto, é importante destacar que a Pedagogia não se limita ao cuidado infantil; trata-se de uma área multifacetada, que inclui gestão educacional, elaboração de currículos, projetos de inclusão social, pesquisa educacional e inovação pedagógica, abrindo uma ampla gama de possibilidades para todos os profissionais, independentemente do gênero.

2.2 A percepção social e os preconceitos históricos

O curso de Pedagogia, ao longo de sua história, consolidou-se como um espaço majoritariamente feminino, associado ao cuidado com crianças e à formação moral das futuras gerações. Nesse cenário, os homens que optam por essa carreira ainda se deparam com preconceitos explícitos e implícitos, refletidos em olhares, comentários e expectativas sociais. Há uma tendência de associar sua escolha profissional à orientação sexual, à fragilidade emocional ou à ideia de que a docência é “trabalho de mulher”. Segundo Nascimento (2024), a masculinidade no contexto educacional é frequentemente colocada em dúvida, gerando preocupações acerca de possíveis influências negativas sobre os alunos, sejam eles homens cisgêneros ou homossexuais, que compartilham o mesmo ambiente escolar. Essas percepções revelam o peso de estereótipos históricos, que vinculam o cuidado, a atenção pedagógica e o trabalho com crianças a um modelo de feminilidade, ignorando que a formação em Pedagogia envolve competências técnicas, gestão educacional, desenvolvimento curricular, pesquisa e práticas de inclusão social.

O preconceito não se restringe a questionamentos sobre a escolha de curso. Ele se manifesta de forma sutil na experiência acadêmica: homens podem sentir a necessidade de provar constantemente sua competência, enfrentar desconfiança em atividades práticas e até mesmo perceber barreiras invisíveis em espaços de estágio. Essas dificuldades não são apenas sociais, mas estruturais, evidenciando que ainda existe uma expectativa de gênero que determina o que homens “devem” ou “não devem” fazer dentro da educação. Segundo Lima e Correia (2025), os estudantes homens que optam pelo curso de Pedagogia ainda enfrentam um imaginário social que associa a docência, especialmente na Educação Infantil, a um perfil



predominantemente feminino, o que contribui para a ideia de que não se adequam a essa área. No entanto, os autores destacam que, embora de forma gradual, esse cenário vem sendo transformado, à medida que esses sujeitos vivenciam o curso, se identificam com a profissão e decidem permanecer, evidenciando a ruptura com paradigmas historicamente construídos.

Nesse sentido, a permanência e o engajamento desses estudantes homens no curso de Pedagogia representam não apenas uma escolha individual, mas um movimento significativo de enfrentamento a estereótipos historicamente consolidados, contribuindo para a ressignificação da docência e para a construção de um ambiente educacional mais plural, inclusivo e equitativo.

2.3 Ampliando o entendimento da carreira pedagógica

Ser pedagogo não se limita ao cuidado com crianças pequenas. A carreira oferece uma gama ampla de oportunidades, que vão da gestão escolar à elaboração de políticas educacionais, passando por educação inclusiva, orientação educacional, ensino de adultos, coordenação de projetos sociais, pesquisa em educação e desenvolvimento de currículos interdisciplinares. Homens na Pedagogia podem atuar em instituições públicas e privadas, desenvolver programas de intervenção social, criar recursos didáticos, trabalhar com tecnologias educacionais ou ainda contribuir em organizações internacionais que promovem educação e direitos humanos.

Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica. (Libâneo, 2001, p. 11).

Sendo assim, a atuação do pedagogo vai muito além da sala de aula, abrangendo diferentes espaços e dimensões do processo educativo. Ao destacar a organização, a transmissão e a assimilação dos saberes, o autor reforça que esse profissional exerce um papel fundamental na construção da formação humana, orientada por objetivos que consideram o contexto histórico e social. Dessa forma, compreende-se que o pedagogo não é apenas um transmissor de conteúdos, mas um agente formador, responsável por contribuir criticamente para o desenvolvimento integral dos sujeitos e para a transformação da realidade educacional.

Essa diversidade evidencia que a formação pedagógica é complexa e multifacetada, exigindo habilidades de planejamento, comunicação, liderança, análise crítica e pesquisa. A docência infantil é apenas um dos muitos campos em que o pedagogo pode atuar. Portanto,



reduzir a profissão à ideia de “cuidar de crianças” é uma visão simplista, que desconsidera o impacto que a pedagogia exerce em múltiplos contextos sociais, culturais e educacionais. A profissão, na realidade, permite que profissionais, independentemente de gênero, contribuam para transformação de comunidades, implementação de políticas públicas e construção de ambientes de aprendizagem inclusivos e equitativos.

2.4 Competências e desafios na atuação masculina

A presença masculina na Pedagogia também desafia concepções sociais sobre masculinidade. Homens que optam por essa trajetória precisam lidar com a desconstrução de estereótipos, mostrando que dedicação, empatia, cuidado e criatividade não são exclusivos de um gênero. Segundo Martins (2025), a presença masculina na Educação Infantil pode favorecer a ampliação dos referenciais de masculinidade para as crianças, contribuindo, ao mesmo tempo, para a desconstrução de estereótipos de gênero ainda fortemente presentes na sociedade. Essa atuação amplia o repertório de referências para alunos, famílias e colegas docentes, promovendo modelos de masculinidade que incorporam responsabilidade social, compromisso educativo e sensibilidade.

Por outro lado, a atuação masculina enfrenta barreiras institucionais e culturais, como a predominância de turmas compostas por mulheres, diretrizes de estágio que, por vezes, favorecem perfis femininos e a ausência de debates críticos sobre a diversidade de gênero, fatores que podem limitar sua inserção plena no ambiente educacional. Segundo Nunes (2025), a valorização da equidade de gênero no contexto educacional, aliada à participação masculina na Educação Infantil, contribui para o questionamento de normas sociais historicamente estabelecidas, abrindo espaço para a reconstrução dos papéis de gênero. Nesse sentido, a inserção de homens nesse campo possibilita ampliar as compreensões acerca dessas funções sociais, ao mesmo tempo em que evidencia desafios e potencialidades presentes nesse processo.

Diante desses desafios e barreiras, torna-se relevante observar como a inserção masculina na Educação Infantil se dá na prática, evidenciando diferenças entre os setores público e privado. A participação masculina na Educação Infantil ainda é marcada por desafios históricos e sociais, que vão além da simples regulamentação legal da profissão. Embora os homens possam atuar legalmente como pedagogos, observa-se que sua presença é mais comum em escolas da rede pública, reflexo de mecanismos institucionais, como concursos, que garantem sua inserção profissional e legitimidade no campo educacional.



Segundo Santana (2024), embora não existam impedimentos legais para a atuação masculina na Educação Infantil, a realidade cotidiana evidencia diversos desafios enfrentados por esses profissionais. Nesse contexto, ao serem aprovados em concursos públicos, pedagogos homens assumem suas funções e lidam com as dificuldades inerentes à profissão, sendo mais frequente sua atuação na rede pública do que na rede privada.

Nesse sentido, embora não existam impedimentos legais para a atuação masculina na Educação Infantil, a realidade cotidiana evidencia diversos desafios enfrentados por esses profissionais. Nesse contexto, ao serem aprovados em concursos públicos, pedagogos homens assumem suas funções e lidam com as dificuldades inerentes à profissão, sendo mais frequente sua atuação na rede pública do que na rede privada.

Essa situação revela que a simples regulamentação da carreira não garante igualdade de participação, pois questões culturais, históricas e institucionais ainda influenciam a inserção desses profissionais. Homens que optam pela Pedagogia precisam enfrentar estereótipos de gênero, superar a desconfiança de colegas e familiares e comprovar constantemente sua competência, desafios que refletem construções sociais profundamente enraizadas sobre masculinidade e cuidado.

Além disso, sua presença, mesmo em número reduzido, representa uma contribuição significativa para a pluralidade e a diversidade pedagógica, oferecendo diferentes perspectivas de interação com crianças, promovendo modelos alternativos de masculinidade e fortalecendo práticas educativas inclusivas. Assim, compreender a atuação masculina na Educação Infantil não se limita à análise legal ou formal, mas envolve refletir sobre como a diversidade de gênero pode transformar a prática docente, ampliar repertórios pedagógicos e criar ambientes escolares mais equilibrados e socialmente sensíveis, reforçando o argumento central deste estudo sobre a importância da equidade e da representatividade na formação docente.

2.5 O papel transformador da diversidade de gênero na Pedagogia

A inclusão de homens na formação pedagógica não é apenas uma questão de representatividade, mas um elemento transformador na própria dinâmica da educação. Homens e mulheres atuando de maneira equitativa podem criar ambientes de aprendizagem mais equilibrados, promovendo interação social diversa, estimulando a empatia e preparando os estudantes para compreenderem a pluralidade do mundo real. A diversidade de gênero entre docentes fortalece a prática pedagógica, incentivando a cooperação, o diálogo e a valorização das competências individuais acima de qualquer expectativa cultural ou social pré-estabelecida.



Segundo Cordeiro e Rodrigues (2024), o conceito de diversidade está relacionado à convivência respeitosa entre diferentes pessoas e culturas, evidenciando a pluralidade de perspectivas que constituem a sociedade. Nessa lógica, o sistema educacional desenvolve-se em consonância com os contextos sociais, políticos e culturais em que está inserido.

Dessa forma, compreende-se que a inserção masculina na pedagogia não apenas amplia a representatividade, mas contribui efetivamente para a construção de práticas educativas mais inclusivas e alinhadas à realidade social contemporânea. Além disso, essa diversidade no corpo docente possibilita a desconstrução de estereótipos de gênero historicamente enraizados, promovendo uma educação mais crítica, reflexiva e comprometida com os princípios da equidade e do respeito às diferenças.

Segundo Silva (2016), a sociedade adota uma visão padronizada do homem e classifica as pessoas com base nesse modelo, estabelecendo um padrão de normalidade que ignora a diversidade existente. Os grupos sociais definem o que é considerado normal e o que é estigmatizado, de modo que quem transgride esses padrões passa a enfrentar desvantagens e descrédito perante a sociedade como um todo. Esse entendimento evidencia que a presença masculina na formação pedagógica vai além da simples inclusão de gênero: ela desafia padrões sociais rígidos, contribuindo para a valorização da diversidade e para a construção de ambientes educativos que reconhecem e respeitam diferenças individuais. Ao confrontar estereótipos e expandir os referenciais de normalidade, a atuação de homens na Pedagogia fortalece práticas de equidade e cooperação, alinhando-se aos princípios de uma educação contemporânea, crítica e socialmente sensível.

3 Conclusão

A formação em Pedagogia e a atuação profissional dos pedagogos homens rompem estereótipos históricos e ampliam a diversidade nas práticas educativas. A predominância feminina na carreira pedagógica decorre de construções sociais que associam o cuidado infantil e a docência a características femininas. Homens que optam por essa trajetória enfrentam preconceitos explícitos e implícitos, desafios estruturais e expectativas sociais que questionam sua competência, o que evidencia a necessidade de ressignificação profissional e de mudanças nas percepções sociais sobre gênero na educação.

A atuação masculina na Pedagogia diversifica repertórios pedagógicos, amplia modelos de masculinidade para crianças e jovens e contribui para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva. Esses profissionais participam ativamente de diferentes dimensões do processo educativo, envolvendo gestão, elaboração curricular, orientação educacional, pesquisa, inclusão



social e desenvolvimento de políticas educacionais. A presença masculina favorece a construção de experiências pedagógicas equilibradas e o fortalecimento de práticas educativas que valorizam a cooperação, o diálogo e a empatia.

A inserção equilibrada de homens e mulheres na formação pedagógica e no mercado de trabalho constrói ambientes educacionais mais inclusivos, reflexivos e equitativos. A diversidade de gênero entre docentes promove a valorização das competências individuais, o respeito às diferenças e a preparação dos alunos para compreender a pluralidade social. Estimular a participação masculina na Pedagogia amplia a representatividade, fortalece a prática educativa e consolida uma pedagogia inclusiva, transformadora e comprometida com a formação integral dos sujeitos, garantindo que a educação reflita de forma mais ampla as necessidades da sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

CORDEIRO, Maria José de Jesus Alves; RODRIGUES, Nadir Pereira. Formação docente na perspectiva da diversidade de gênero e sexualidade: desafios e possibilidades. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 22, n. 7, p. e5892-e5892, 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIMA, Maria da Conceição Silva; CORREIA, Danilo Cardoso. A ESCOLHA DO CAMPO DE ATUAÇÃO DE ESTUDANTES HOMENS NO CURSO DE PEDAGOGIA: A INFLUÊNCIA DOS ELEMENTOS DE GÊNERO E MASCULINIDADES, NA OPÇÃO PELA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Diversidade e Educação**, v. 13, n. 2, p. 565-586, 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. **História das mulheres no Brasil**, v. 10, p. 443-481, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente–revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

NASCIMENTO, Daniel dos Anjos. **É de homem ou de mulher (a pedagogia)? formação do pedagogo, uma questão de gênero, preconceitos e desafios**. 2024.

NUNES, Andresson Rafaell de Souza. **Habilidades sensíveis na formação do pedagogo e os desafios da equidade de gênero na educação infantil: a experiência do estágio supervisionado na rede municipal de São Luís–MA**. 2025.

MARTINS, Nadson Nascimento. **Homens na educação infantil: perspectivas e desafios dos estudantes de pedagogia da UFMA**. 2025.



PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

SANTANA, Yago Lucas Ribeiro de Santana. Desafios e barreira enfrentados pelos homens na pedagogia: foco na educação infantil. 2024.

SILVA, Maryahn Koehler et al. **Ensino normal: da formação da professora à formação da mulher, esposa e mãe**. 2013.

SILVA, Fabiane Maria. **“Educação e docência”**: Um estudo sobre as relações de gênero e diversidade na escola. 2016.

